

# A ANCORAGEM REFERENCIAL DA PALAVRA VADIA: UM OLHAR PARA O MEMORÁVEL

Luciani Dalmaschio<sup>1</sup>  
Leânia Magalhães Ursine<sup>2</sup>

## RESUMO

Em função de um movimento de (re)significação da palavra vadia, a partir da Marcha das Vadias, elegemos a nomeação vadia como objeto de estudo. Nosso aporte teórico são os pressupostos apresentados pela Semântica da Enunciação. Por manifestar significações distintas, a depender do espaço enunciativo no qual se manifesta, a palavra vadia é profícua para a percepção do conflito operando na língua. Assim, nosso objetivo é refletir sobre o domínio referencial que ancora a regularização do sentido dessa palavra. Para tanto, elaboramos o corpus da pesquisa, por meio de buscas em plataformas virtuais, em torno de enunciados de ampla circulação social. Como resultado de nossas discussões, compreendemos que os efeitos de sentidos de vadia se configuram para além daqueles dicionarizados e se ancoram, em grande medida, em referenciais que constituem a representação social da mulher.

Palavras-chave: Vadia. Semântica da Enunciação. Mulher. Sociedade.

## THE REFERENTIAL ANCHORAGE OF THE WORD SLUT: A LOOK AT THE MEMORABLE

## ABSTRACT

In function of a movement of (re)signification of the word slut, from the Marcha das Sluts, we chose the naming slut as an object of study. Our theoretical contribution is the assumptions presented by the Semantics of Enunciation. As it has different meanings, depending on the enunciative space it is manifested, the word bitch is useful for the perception of conflict operating in the language. Thus, we aim to reflect on the referential domain that anchors the regularization of the meaning of this word. For this purpose, we elaborated the research corpus, through searches on virtual platforms, around statements of wide social circulation. As a result, we understand that the effects of slut senses are configured beyond those in the dictionary and are largely anchored in references that constitute the social representation of women.

Keywords: Slut. Semantics of Enunciation. Woman. Society.

1 Doutorado em Letras (UFMG), docente do da Universidade Federal de São João Del-Rei. Email: [ucianid@ufsj.edu.br](mailto:ucianid@ufsj.edu.br)

2 Mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura (Universidade Federal de São João Del-Rei (UFS). E-mail: [leaniaursine@hotmail.com](mailto:leaniaursine@hotmail.com)>

## INTRODUÇÃO

O imaginário que envolve a figura feminina traz em sua constituição histórica e enunciativa marcas de submissão ao homem. Por longos períodos, o corpo feminino, o seu espírito, a sua sexualidade, os seus mitos, ou seja, praticamente tudo o que se refere às mulheres, foi construído e contado a partir da perspectiva e das leis masculinas.

A subestimação da mulher, das suas subjetividades e desejos, o cerceamento da sua voz e sexualidade, tudo isso produziu enunciados que sedimentaram a imagem feminina, por um longo tempo, como a de um ser de natureza inferior e objeto de dominação, impedindo-a de participar ativamente na elaboração do mundo e exercer sua autonomia e liberdade.

Desde a colonização, a visão teológica cristã ocidental, sustentada no mito de Adão e Eva, se impôs culturalmente ao Brasil, instalando a mulher em um lugar de suscetibilidade e fraqueza moral, ao partir da afirmação de que é ela que, tentada pela serpente, oferece ao homem o fruto do pecado, desviando-o do bom caminho da virtude e moralidade.

Entre os séculos XVI e XVIII, houve um acirramento da ‘caça às bruxas’, marcando um tempo no qual a Igreja julgou inúmeras mulheres por supostos atos de heresia. Práticas mágico-religiosas, assim como saberes ancestrais de cura e benzeduras, transmitidos de geração a geração, foram considerados obras insufladas pelo demônio. Embora uma grande parcela de homens tenha sido criminalizada também, como mostram os documentos da época, o peso da discriminação caiu sobre os ombros da mulher.

No final do século XIX e início do século XX, a partir da expansão do mercado capitalista e do reconhecimento da prostituição como profissão, há uma crescente polarização da figura feminina. Os clichês ‘honesta’ e ‘esposa dedicada’, e seus opostos, ‘desonesta’ e ‘mulher da vida’, passam a habitar fortemente o imaginário da época, encobrendo as nuances existentes en-

tre esses polos. A prostituição, ao configurar um espaço visível e quantificável, possibilita a construção de um universo empírico que categoriza e define a identidade feminina a partir de um campo científico constituído por um viés enunciativo masculino e ‘universal’.

Nesse mesmo período, em uma relação de proximidade com a palavra ‘prostituta’, surge a nomeação ‘vadia’, que marcou tanto as mulheres que circulavam pelas ruas devido a uma situação marginal e/ou de subemprego, como também aquelas que, de alguma forma, rompiam com as regras e códigos de comportamento social.

Um olhar para os anos finais do século XIX e para primeiras décadas do século XX, devido à emancipação de uma significativa parcela de mulheres, atuantes em novas frentes de trabalho, põe em cena o surgimento de revistas femininas que as representam de forma positiva, com especificidades e particularidades nascidas de necessidades próprias. Com isso, intensificam-se os embates entre os dizeres institucionalizados que nomeiam como vadia a mulher que se distancia do referencial da boa esposa, mãe e dona de casa e os dizeres ancorados em novos referenciais, que a predicam como corajosa e combativa.

Em 2011, o nome vadia traz uma nova significação, vindo a tensionar ainda mais o conflito entre enunciados polarizados sobre a mulher, já há muito tempo em curso. Isso se deu devido a uma palestra sobre segurança em uma universidade na cidade de Toronto, Canadá, quando um policial disse que as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas de assédio sexual. Essa afirmação, que justifica a cultura do estupro por culpabilizar as mulheres pela violência cometida contra elas, fez com que milhares de feministas saíssem às ruas em protesto contra a opressão, em um movimento que se tornaria mundial: o Slut Walk. Traduzido no Brasil por Marcha das Vadias, e organizado por meio da mídia eletrônica, o movimento brasileiro contou com edições anuais que ocorreram no período de 2011 a 2018. Nelas, inúmeras

enunciações (em faixas, cartazes e escritas feitas no corpo) se apropriaram da palavra vadia ressignificando-a a partir de um novo referencial, oposto àquele institucionalizado: o referencial da liberdade.

Diante desse movimento feminino e da história de predicções pejorativas produzidas acerca das mulheres, o presente trabalho pretende lançar um olhar linguístico para a produção de sentidos da nomeação vadia, por ser essa uma nomeação profícua para os estudos da significação que, materializando-se mais fortemente a partir da Marcha das Vadias e se expandindo para diversas mídias, carrega em si produções de efeitos de sentido distintos e, por vezes, opostas, a depender do espaço enunciativo no qual ela se apresenta. Assim, elegemos a nomeação vadia, sob a perspectiva da Semântica da Enunciação, como nosso objeto de pesquisa, para refletirmos sobre o domínio referencial que ancora a regularização do sentido dessa palavra.

Como metodologia para esta pesquisa, realizamos, inicialmente, um aprofundamento nos pressupostos teóricos que subsidiarão nossas análises. Para tanto, ampliamos nossas buscas por textos que discutem a história da Mulher, bem como por aqueles que descrevem os pressupostos fundantes da Semântica da Enunciação. Logo depois, fizemos as análises do corpus. Na primeira parte de nossas análises, buscamos o referencial histórico que nos possibilitou explicitar o domínio referencial que ancora a regularização do sentido da palavra vadia, combatido pela marcha. Para tanto, trabalhamos com enunciados divulgados na mídia digital que nos trouxeram subsídios de análise da palavra vadia cujos efeitos de sentido foram/são responsáveis pela regularização social do termo como prostituta, dentre outros. As atualizações e presentificações da palavra vadia, que mantêm sentidos associados à prostituição, também foram analisadas em textos captados no site de pesquisa Google, com a entrada: “ela é uma vadia.” A constituição desse enunciado de busca foi realizada tendo em vista a presença da

palavra vadia articulada ao pronome e ao artigo feminino “ela” e “uma”, concomitantemente, que, em uma relação enunciativa, corresponde à atribuição de perspectiva (vadia) a alguém do gênero feminino.

Todos os enunciados coletados e/ou produzidos para o desenvolvimento de nossa pesquisa seguiram uma metodologia de trabalho que os organizou no que Dias (2018) nomeia de redes enunciativas. Optamos por esse procedimento metodológico porque ele nos pareceu adequado aos propósitos de nossa pesquisa, principalmente pelo fato de possibilitar um olhar comparativo entre os efeitos de sentido que a palavra vadia tem instalado no cotidiano social. Isso se mostra para nós quando Dias (2018)

afirma que a constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos, como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua. (DIAS, 2018, p.35).

Por fim, apresentamos as considerações sobre o trabalho realizado, retomando os pontos discutidos, aprofundando a discussão sobre os resultados obtidos nas análises e oferecendo algumas contribuições para os estudos acerca da representação social da mulher, por meio de um olhar linguístico, de um olhar semântico-enunciativo.

# 1 BRUXAS, PROSTITUTAS, VADIAS: AS MULHERES DESVIANTES/ TRANSGRESSORAS

## 1.1 A mulher bruxa

A Grande Mãe do período matriarcal era a representação da mulher além do humano, identificada com a imanência e a natureza e não reconhecida como um ser igual ao homem, mas sim como o ‘grande Outro’, para o qual havia uma ausência de reciprocidade. Da mesma forma, a figura da bruxa, que constituiu o imaginário da feitiçaria no Brasil colônia, foi construída pela ‘universalidade’ masculina, representando por esse viés discursivo o pecado e o mal encarnado.

E, embora os significados que a feitiçaria assumiu no Brasil colônia tenham se constituído a partir das tessituras que se deram pela combinação das tradições culturais peculiares aos povos da Europa, América e África, foram os colonizadores que ditaram o tom sobre o qual as bases das relações entre eles seriam impostas: a partir da perspectiva da tradição cristã europeia.

Nesse sentido, o Brasil colônia nascia em um espaço de projeções do imaginário europeu, que o povoou de regiões infernais e possessões demoníacas, estando a mulher, na maioria das vezes, no centro dessa degeneração (RAMINELLI, 1997).

Essa perspectiva está presente em vários textos trazidos pelo historiador, nos quais há uma discussão sobre superdimensionamento negativo da mulher. Sobre essa questão, o autor afirma: “seu papel foi exaltado e hipervalorizado devido à misoginia que reinava na Europa durante os séculos XIV e XVII. As mulheres, índias ou europeias, eram filhas de Eva e reuniam em si os piores predicados” (RAMINELLI, 1997, p. 36).

O avanço do processo colonizatório pelos séculos XVII e XVIII propiciou “maior interpenetração entre religiosidade europeia, africana e

ameríndia; enquanto a Europa tridentina se esforçava para depurar a religião e ‘limpá-la’ das reminiscências folclóricas, a colonização europeia dos trópicos impunha o sincretismo” (SOUZA, 2009, p. 28). Com isso, a estruturação da colônia se configurou como um espaço heterogêneo e multiforme, com populações de várias procedências e diferentes credos, no qual se cruzavam e reelaboravam níveis culturais múltiplos, o que proporcionou a utilização de inúmeras práticas não institucionalizadas para a resolução de problemas do dia a dia.

Dessa forma, e como a medicina não se mostrava competente para curar mazelas e enfermidades, devido ao atraso intelectual na colônia, mulheres tomavam frente nos tratamentos, pois os saberes sobre o uso de plantas, minerais e animais, transmitidos de geração em geração, possibilitavam a elas a fabricação de remédios para curas e práticas mágicas. Havia também “os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira” (DEL PRIORI, 1997, p. 89), o que constituiu uma feição multifacetada e diversa para o Brasil em formação.

Porém, essas práticas, necessárias para a sobrevivência das tradições e costumes femininos, eram cercadas por intolerância e repúdio. Consideradas pecado grave, sofriam ação repressora da Igreja Católica, sendo sistematicamente demonizadas pela catequese e pelo saber erudito, o que culminou nas visitações, devassas e perseguições iniciadas pelo Tribunal do Santo Ofício (SOUZA, 2009)<sup>3</sup>.

Por meio de vasta documentação da época – cronistas, devassas eclesiásticas e processos da Inquisição, estudada por Del Priori (1997), fica claro que os denunciados pelas práticas da feitiçaria pertenciam tanto ao sexo feminino quanto masculino e ambos foram duramente julgados

3 Instituição eclesiástica de carácter “judicial”, que tinha por principal objetivo combater a heresia. Fonte: [https://www.infopedia.pt/\\$tribunal-do-santo-oficio](https://www.infopedia.pt/$tribunal-do-santo-oficio) Acesso em: 10 abr. 2019.



pela Santa Inquisição. No entanto, a feitiçaria tornou-se, na memória histórica do povo brasileiro, uma prática associada à mulher, configurando-se, também, como uma marca linguística incisiva, visto que a literatura se refere à Santa Inquisição como instrumento de caça às bruxas.

## 1.2 A mulher prostituta

Considerada também ‘desviante’, outra figura se junta à da bruxa: a figura da prostituta. Faremos aqui um recorte com Margareth Rago, a partir do seu livro *Os Prazeres da Noite*, que traz uma etnografia da prostituição na modernidade, especificamente na cidade de São Paulo, entre 1890 e 1930. A opção por esse recorte se deu por dois motivos: primeiro porque, mesmo ao restringir o tempo histórico, o texto nos possibilita projetar a imagem da prostituta para além desse recorte, já que nele se encontram os estereótipos e clichês que habitam o senso comum e o imaginário do povo brasileiro acerca da mulher prostituta. Segundo, porque esse recorte nos leva a pensar a moralidade pública, especificamente acerca da conduta da mulher, em um momento de intenso crescimento industrial e urbano, em uma São Paulo ainda saindo do mundo das fazendas, período em que a prostituta passa a ser denominada figura pública. Assim, as discussões da historiadora nos apontam caminhos para pensarmos a produção de sentidos da nomeação prostituta para além da generalização, para além “do objeto natural, invariante trans-histórico que poderia ser observado em todas as épocas e sociedades, como sugere a expressão ‘a profissão mais antiga do mundo.’” (RAGO 1991, p.22).

A autora explica que, à medida que a prostituição se tornava uma profissão reconhecida dentro do mercado capitalista em expansão, ela passava a configurar um espaço visível, espetacularizado e quantificável, permitindo a construção de um universo empírico para observações a partir de uma referência médico-policial, tendo como base uma perspectiva nor-

mativa. Com isso, “a produção científica desses homens resultou num processo de sujeição da mulher pelos próprios pressupostos do raciocínio discursivo com que operavam” (RAGO, 1991, p. 20). Rago afirma, ainda, que “construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido - a sexualidade feminina -, recoberta por imagens e metáforas assustadoras” (RAGO, 1991, p. 21).

Com a relativa emancipação da mulher e a sua incorporação e valorização em um amplo espaço social, fez-se a necessidade de demarcação sexual. Era preciso não confundir mulheres honestas e desonestas. As primeiras tinham como natureza original a maternidade, enquanto as segundas representavam a alteridade perigosa.

Ao estabelecer nítidas diferenciações entre as duas figuras femininas, polarizando-as, a sociedade burguesa encontrou meios para defender-se da ameaça representada pela prostituta - mulher imaginariamente livre, descontrolada e irracional. Por mais independente que fosse a “mulher honesta”, sua liberdade estaria sempre limitada no plano simbólico pela presença da meretriz, dimensão que não constituiu uma barreira de ação para o homem. (RAGO, 1991, p. 40).

Nesse período, ele, o homem, ainda é o chefe da família, o que arca com o orçamento familiar; é aquele que toma as grandes decisões, enquanto à mulher é reservado o papel de administradora doméstica, cujo alcance de influência era mínimo. Com as discussões feministas propondo a igualdade de gêneros e salários mais altos para as trabalhadoras, bem como a redefinição de papéis e valores, a prostituta é construída como “um contra-ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina. A elaboração médico-policial de sua identidade (...) facilitava a internalização do modelo ideal da boa dona de casa, por oposição” (RAGO, 1991, p. 40). Assim, a partir da demarcação sexual que surgiu com as prostitutas, diz a autora, houve uma separação radical entre o erótico e o amor.

Embora na passagem do século os assuntos relacionados ao desejo e à sexualidade, assim como a prostituição não tivessem espaço nos meios discursivos, a não ser em setores mais especializados (médicos, juristas, polícia, jornalistas, alguns literatos), a figura da prostituta como mulher pública era presente, nem tanto empiricamente, mas, principalmente, no plano dos enunciados que construíam a sua identidade. Ela tornava-se uma ameaça imaginária, em função de uma moral extremamente rígida, moral esta que construía, em oposição, a representação da rainha do lar.

Pela condensação de todo esse movimento enunciativo sobre o papel feminino, ocorre, a exemplo do que descrevemos sobre as bruxas, uma outra nomeação, que agora perspectiva a mulher, por meio de novas formações nominais, como rainha do lar. Essa nomeação, em um entrelaçamento de dizeres, se liga a outras: sexo frágil por exemplo, cujo referencial histórico<sup>4</sup> se assenta no pudor, no recato, na honestidade e, principalmente, na dependência e na submissão.

Há tamanha complexidade de dizeres sobre a mulher que não é possível significá-los sem que escapem e se misturem, assim como ocorre, na verdade, com a significação de maneira geral, uma vez que “todo enunciado, toda sequência de enunciados” apresenta “pontos de deriva possíveis”, “oferecendo lugar à interpretação” do sujeito. (PÊCHEUX, 1997, p.53). Mas algo é marcado: durante um longo tempo os enunciados produzidos acerca do feminino vinham do homem: ele dizia a mulher na tentativa de domá-la, impondo códigos morais que condiziam com o seu desejo, apenas. Porém, ao iniciar uma maior participação no mundo, a mulher começou, ela própria, a se dizer, a se dizer positivamente.

### 1.3 A mulher vadia

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, enunciações positivas acerca das mulheres ancoram os perfis femininos em novos referenciais: combativa, corajosa, responsável pela educação dos futuros homens da nação, escritora, trabalhadora, operária. Revistas femininas da época - como *A Mensageira* e a *Revista Feminina* - atribuem a elas predicativos alinhados à mudança da condição feminina, a partir da industrialização e das novas possibilidades nas frentes de trabalho e na área da educação. Com isso, elas passam a ser representadas com uma especificidade surgida de necessidades próprias, diferentes das masculinas.

Essa representação permite que se articule um discurso de crítica à idealização masculina do “sexo frágil” (...) e que se abra um espaço de reivindicação das próprias mulheres enquanto iguais aos homens, enquanto cidadãs dotadas dos mesmos deveres e direitos perante a sociedade e o Estado (RAGO, 1991, p. 51).

A mulher emancipada, reivindicando igualdade de gênero, que circula mais livremente pelas ruas, assustava terrivelmente os homens, pois rompia, em um certo grau, com a representação construída por eles. O homem tinha domínio sobre o espaço público, e era, ali, percebido positivamente; enquanto para a mulher, estar nesse lugar essencialmente masculino era estar em um território alheio.

Com a urbanização e a industrialização a todo vapor - período no qual muitas mulheres buscam romper com a prisão que representavam o marido senhor, a maternidade, os muitos filhos e os cuidados com a casa -, o nome vadia passa a ser usado como uma das formas de significar uma nova realidade feminina. Embora entendamos ser difícil inaugurar o surgimento de um nome, as ocorrências primeiras de vadia remontam ao final do século XIX, no período pós-abolicionista, quando foi previs-

4 Sobre o conceito de referencial histórico nos aprofundaremos na seção 2 deste texto.

to o Crime de Vadiagem no Código Penal da República. Sancionado em 18905, o artigo 59 estabelecia como infração: “Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita.”

Assim, as pessoas que perambulavam pelas ruas, principalmente as pardas, negras, pobres e brancas de situação menos remediada, eram interpeladas sob uma rígida postura moralizante e de forma distinta: enquanto os homens eram tidos como vadios pela ociosidade, as mulheres eram tidas como vadias pelo exercício da prostituição e suposta degeneração moral. O transitar de mulheres em horários nos quais uma mulher honesta deveria estar em casa, ou a permanência nas ruas para além do estritamente necessário, a fim de que elas efetuassem compras no comércio ou fossem à igreja, por exemplo, eram motivos para interpelação policial e apreensão. O ilícito de vadiagem consistia em um mecanismo de controle do Estado sobre a liberdade do indivíduo, já que este estabelecia a lei. Em tese, todo aquele que não estivesse trabalhando poderia ser enquadrado nesse tipo legal, seguido de detenção. A polícia, então, por fazer o enquadramento inicial, detinha grande poder de restringir a liberdade das pessoas. Nos processos, a interpretação e atuação jurídica em relação à movimentação da mulher nos espaços públicos, na época em que foi estabelecido o Crime de Vadiagem, produziram e fixaram enunciados que naturalizaram como prostituta um dos sentidos para vadia.

Segundo o dicionário Michaelis<sup>6</sup> da língua portuguesa, vadia é definida, no sentido coloquial e pejorativo, como “mulher de vida devassa ou amoral, embora não pratique a prostituição; vagaba, vagabunda”. Com efeito, a mulher denominada vagabunda está longe de

preencher o ideal feminino construído sobre os ombros da mulher do lar, bastante arraigado nos homens daquela época, e que excluía as subjetividades, sexualidades e desejos femininos, como vimos em Margareth Rago.

Já no dicionário online inFormal<sup>7</sup>, encontramos: “Vagabunda. Geralmente utilizado para referenciar alguma mulher biscate, que gosta de chamar a atenção dos machos.” Essa definição é clara quanto ao fato de que a maneira de se vestir da mulher não se dá a fim de sentir-se bem consigo mesma no exercício da sua liberdade, mas, sim, de chamar a atenção dos homens e provocá-los, numa postura então que poderia ser considerada devassa.

Nessas definições para o termo vadia, percebe-se a força do enunciado masculino, que significa a submissão moral e sexual da mulher, reafirmando o seu domínio sobre o sexo feminino. Entretanto, ao buscarmos a etimologia da palavra vadia, encontrada apenas na forma masculina, temos que vadio<sup>8</sup> vem do Latim *Vagativus*, “o que anda sem destino”, de vagare “andar sem propósito, sem destino”, ou seja, entre a origem do termo e os sentidos atuais dicionarizados, houve um afastamento. Ao ser direcionado enunciativamente à mulher, o sentido assenta-se muito mais fortemente no referencial da prostituição, e não no referencial do desemprego, por exemplo, ao passo que, em relação ao homem, o sentido sustenta-se naquele proposto pela etimologia, embora ampliado para um novo referencial, construído e conectado ao da prostituta: o referencial do gigolô, intermediário nas negociações entre a prostituta e o cliente, e seu protetor no caso de agressões. É possível notar, portanto, que a regularização da nomeação mulher vadia se deu como forte correspondente a da mulher prostituta.

Passemos, agora, a apresentar os pressupostos teóricos assentados no campo dos es-

5 Fonte: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/vadiagem/> Acesso em: 31 mai. 2019.

6 Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vadia/>. Acesso em: 06 jun. 2019.

7 Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/vadia/> Acesso em: 31 mai. 2019.

8 Disponível em <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-155/> Acesso em: 31 mai. 2019.

tudos linguísticos, que associados a esses que acabamos de apresentar sobre a mulher, servirão como âncora para nossos investimentos de análise.

## 2 SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

A semântica foi constituída como disciplina das ciências da linguagem a partir do final do século XIX e, desde então, várias vertentes se desenharam acerca da sua definição e configuração. Muitas delas situaram a semântica como parte da gramática, juntamente com disciplinas como fonologia, morfologia e sintaxe, por exemplo, ao passo que outras passaram a estabelecê-la como uma disciplina geral e não como componente da gramática (GUIMARÃES, 2018). De nossa parte, tomamos a semântica como “uma disciplina que se ocupa do funcionamento da língua e da linguagem e não como um componente de uma disciplina cujo objeto é a gramática de uma língua ou das línguas” (GUIMARÃES, 2018, p. 13). Assim, ela é concebida como aquela que se volta para a significação, que se volta para “o que se apresenta por aquilo que se diz”. Além disso, em nosso trabalho nos situamos em uma perspectiva que associa o conceito de semântica ao de enunciação, uma vez que enunciar corresponde ao “que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua” (GUIMARÃES, 2018, p. 14) e, sendo assim, produz significação. Trata-se, portanto, de uma semântica da enunciação.

Detalharemos, aqui, alguns fundamentos que sustentam o que apresentamos como uma semântica de bases enunciativas. Embora saibamos que muitas outras discussões constituam esse campo de estudo, recortamos aqui apenas aquelas que darão norte à nossa análise e sustentarão o objetivo a que nos propomos nesta pesquisa.

### 2.1 Espaço de enunciação

Segundo Guimarães, a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, ocorre em espaço de dizer, ao qual ele nomeia como espaço de enunciação.

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de língua, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam, por disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e de conflito, indissociado da deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político. (GUIMARÃES, 2002, p. 18-19).

Ao discutir o espaço de enunciação, Dias amplia o quadro teórico a partir dos conceitos de referencial histórico e pertinência enunciativa, que se manifestam por meio da relação entre recortes de memória de significação (memorável) e a demanda do presente (atualidade). Dessa forma, diz o linguista, é a pertinência do acontecimento enunciativo que movimenta as articulações constituintes do dizer no espaço de enunciação (DIAS, 2018).

Sendo assim, nesses espaços de disputa, próprios do acontecimento enunciativo, dão-se os conflitos entre línguas e línguas, entre línguas e falantes e entre falantes e falantes. “É nesse espaço múltiplo que a língua e os falantes se relacionam, afetando-se mutuamente. O falante, em vista disso, é uma categoria linguística e enunciativa, não empírica; uma “figura constituída pelos espaços de enunciação.” (GUIMARÃES, 2017, p. 25). Ao falar, ele se inscreve em um espaço de poder, distribuído segundo a sua identidade social, a partir de valores hierárquicos que se constroem em função da divisão social da língua, em uma cena enunciativa.



### 2.1.1 Cena enunciativa: agenciamento do sujeito na enunciação

A cena enunciativa, para Guimarães, “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2002, p. 23), assim como a distribuição dos lugares enunciativos no acontecimento – “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”, os quais são configurados pelo agenciamento enunciativo. Assim, diz Guimarães (2018, p.58), a cena enunciativa constitui a sua própria politopia.

Em vista disso, é fundamental considerar o modo como os lugares de dizer se constituem pelo funcionamento da língua, pensar essas relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas, envolvendo os modos específicos de acesso à palavra, já que “a cena enunciativa é assim um lugar particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 23), o que significa que os papéis assumidos pelos agentes da enunciação são retratados pelo modo de funcionamento do dizer.

A enunciação nesse espaço, portanto, não se caracteriza por um ato intencional, pois são os modos de agenciamento do acontecimento de linguagem que constituem os sentidos: “o acontecimento da enunciação agencia o falante a dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia” (GUIMARÃES, 2018, p. 41), estabelecendo as cenas e suas divisões. Com relação a esse lugar do dizer, Guimarães (2018) explicita que o falante, ao ser agenciado a enunciar, desdobra-se em distintos lugares: o lugar que diz (Locutor); o lugar social do dizer (alocutor); e o lugar de dizer (enunciador: individual, coletivo, genérico e universal). Essa divisão dos lugares de enunciação constitui o que Guimarães (2018) chama de politopia da cena enunciativa. Ele explica que, como os falantes são constituídos pelo espaço de enunciação e pela relação com as línguas, segundo a historicidade dessa relação, o fundamento do agenciamento

do falante não é a relação de alocação e, portanto, não é dialógica, já que “esta constituição da alocação se dá pelo agenciamento, pela língua, do falante em Locutor, e pelo agenciamento do falante em alocutor pela relação histórica com os falantes do espaço de enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p, 72).

### 2.1.2 Referencial histórico (memorável) x pertinência enunciativa (atualidade)

A concepção de referencial histórico, proposta por Dias (2018), que vai sustentar a dinâmica enunciativa das formas linguísticas, foi inspirada no conceito de referencial de Foucault, para quem um referencial “não é constituído de ‘coisas’, de ‘fatos’, de ‘realidades’, ou de ‘seres’, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas”. Dessa forma, é o domínio de referências, ou referencial que “forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (FOUCAULT, 2008 [1969], p. 104). Segundo Dias (2018), a principal sustentação desse conceito é a de que tanto indivíduos quanto objetos, estado de coisas e relações não são individuais absolutos, mas

adquirem identidade a partir dos lugares de enunciação e das perspectivas da enunciação. Sendo assim, é o próprio enunciado, e não as propriedades inerentes aos seres, estados e relações, que constitui o referencial a partir do qual eles se individualizam na referência. (DIAS, 2018, p. 101).

Nesse sentido, é preciso que as entidades exteriores à linguagem adquiram pertinência para serem nomeadas, e é por meio da enunciação que elas se tornam pertinentes ao acontecimento enunciativo, o que ocorre devido as possibilidades históricas que as fazem emergir (DIAS, 2018). Assim, o referencial histórico está no mesmo eixo de conceitos como memó-

ria (que opera na dimensão discursiva), memorável – “que pode ser compreendido a partir da dimensão da temporalidade do acontecimento representado pelo passado que é resgatado/recortado pela enunciação” (SILVA, 2019, p. 70), e de passado enunciativo. O referencial histórico encontra-se, pois, na instância dos “já-ditos”, e opera como sustentador dos sentidos.

Assim, em um espaço de enunciação, a relação entre recortes de memória – o memorável – e a demanda de um presente criam a pertinência enunciativa, a qual movimenta as articulações que constituem a unidade do enunciado, a sua estrutura formal. Segundo Dias, pertinência enunciativa é definida, portanto, como

a relação que um enunciado mantém com as cenas que nos acionam a dizer algo na instância do presente do enunciar. No cotidiano, nós somos evocados ou acionados a responder, interpretar, a interferir enunciativamente nas situações de enunciação que se nos apresentam. Quando tomamos a palavra, seja no oral, seja no escrito, o fazemos de diferentes maneiras tendo em vista diferentes situações de enunciação. Os nossos modos de enunciar, portanto, se adaptam a seu modo de pertencimento às cenas de enunciação do presente. (DIAS, 2018, p. 142-143).

A pertinência enunciativa, dessa forma, “constitui-se como ancoragem do histórico na atualidade das demandas do dizer” (DIAS, 2018, p. 197). Entendemos, pois, que os enunciados são presentificados (ganham pertinência) a partir da sua configuração na história, ou seja, por meio da sua ancoragem no passado (memorável) e, na materialidade da sua atualização, projetam uma futuridade, ou seja, projetam a possibilidade de novos dizeres que, por sua vez, irão se ancorar em passados de sentidos.

## 2.2 Reescrituração

Em seu texto *Domínio Semântico de Determinação*, Guimarães afirma que não se pode deixar de tomar a referência como elemento

fundamental nas análises, mas, como semantista da enunciação, defende (2007, p. 77) que “a relação com o que está fora da linguagem é uma construção de linguagem”; e que tal relação, entre uma coisa no mundo com uma palavra ou expressão, não consiste em uma classificação de objetos, pensada a partir de uma análise formal, como a sintática, por exemplo. Trata-se de uma relação de sentido entre palavras que não considera de antemão nenhuma realidade a que elas se reportam, mas uma relação construída no momento do dizer. A significação se dá, dessa forma, a partir da produção enunciativa no e pelo acontecimento da enunciação (GUIMARÃES, 2007).

Sob esse ponto de vista, tem-se, ainda, que o sentido das palavras é construído na sua integração a um texto particular, e de acordo com as relações de determinação semântica estabelecidas enunciativamente com outras palavras. Assim, diferentemente do olhar formalista, os sentidos que se apresentam enunciativamente são fluidos e dinâmicos, a depender das articulações entre as palavras e expressões em suas relações de determinação semântica. Para discutir as questões do sentido, sob o viés da determinação, o autor trabalha, entre outros, com dois tipos de procedimento: a reescrituração e a articulação. Esse segundo procedimento diz respeito “às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afeta outras que elas não redizem” (GUIMARÃES, 2007, p. 87). É justamente esse redizer que nos interessa, na medida em que se constitui como processo de reescrituração. Lançaremos a ele, portanto, um olhar mais atento.

Para Guimarães, a reescrituração é “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Esse procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado.” (GUIMARÃES, 2007, p. 84). O processo de reescrituração “produz sentido na medida em que ao retomar alguma expressão faz com que ela signifique de outro modo” (Ibidem,

p. 87), predicando e determinando essa expressão. São diversos os modos pelos quais a reescrituração ocorre: repetição, substituição, elipse, expansão, condensação e definição. Guimarães (2007) conceitua e exemplifica cada um desses modos. Porém, trataremos aqui apenas da reescrituração por substituição.

Vale ressaltar, ainda, que, segundo o autor, a substituição ocorre quando uma expressão é retomada em outro ponto do texto por outra expressão. Entretanto, essa retomada de uma expressão por outra pode se dar por diferentes formas: por anáfora, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização, enumeração e sinonímia. Sempre que “a reescrituração apresenta uma palavra ou expressão como tendo o mesmo sentido que a outra à qual se liga” (GUIMARÃES, 2007, p. 87), temos a substituição por sinonímia. Todavia, o que o autor enfatiza é o fato de a reescritura por sinonímia predicar algo de um termo sobre o outro a partir do próprio movimento polissêmico da reescritura. Não se trata, por essa via, apenas de uma retomada do mesmo. Corresponde, antes, a uma dilatação referencial que agrega à palavra reescrita efeitos outros por meio do movimento advindo do ato de predicar.

Nesse ponto gostaríamos de, em um movimento de ousadia, colocar em causa a própria perspectiva da sinonímia, uma vez que, por se tratar de um termo já cunhado em estudos de bases tradicionais com valor aparentemente oposto ao estabelecido pelo teórico, tememos que o fato de se falar em reescrituração por sinonímia se faça emergir um valor conceitual destoante das concepções sobre sentido postulados pela própria Semântica da Enunciação. De acordo com a gramática, sinônimo é a “palavra ou expressão que possui o mesmo ou aproximadamente o mesmo, significado que outra, podendo substituí-la sem que haja prejuízo ou alteração de sentido.”<sup>23</sup> Com relação a esse conceito tradicional, nos posicionamos contra a noção de igualdade entre as palavras. Na nossa perspectiva, há, sim, uma ancoragem no dizer semelhante,

mas não uma equivalência. Há uma proximidade de sentidos, um redizer, um redizer que corresponde a um dizer diferente. Assim, o conceito de sinonímia na Teoria da Enunciação passa pelo dizer algo que está no mesmo domínio referencial do termo que foi dito, entretanto não é o mesmo, não é o igual.

Isso posto, passemos, neste momento, aos nossos procedimentos de análise, a fim discutirmos o domínio referencial que ancora a regularização do sentido da palavra vadia em nosso cotidiano social.

### 3 A PALAVRA VADIA: UM CAMINHO DE SIGNIFICAÇÃO

Antes de iniciarmos a discussão a que nos propomos neste texto, voltemos àquela fala do policial, em uma universidade do Canadá, que desencadeou a primeira Marcha das Vadias, a de que as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas de assédio sexual. Essa palavra – vadia –, utilizada de forma negativa tanto por homens quanto por mulheres, é tão regularizada socialmente que, muitas vezes, não nos damos conta do escopo referencial que ela alimenta, dos memoráveis que se configuraram ao longo do tempo, movimentando efeitos de sentido que nos chegam hoje atualizados, em acontecimentos enunciativos nos quais é posta em causa. Vestir-se como vadia é um desses enunciados. Mas, afinal, o que é vestir-se como vadia? E em quais referenciais históricos se dá a ancoragem e a constituição de vadia como uma nomeação depreciativa da mulher?

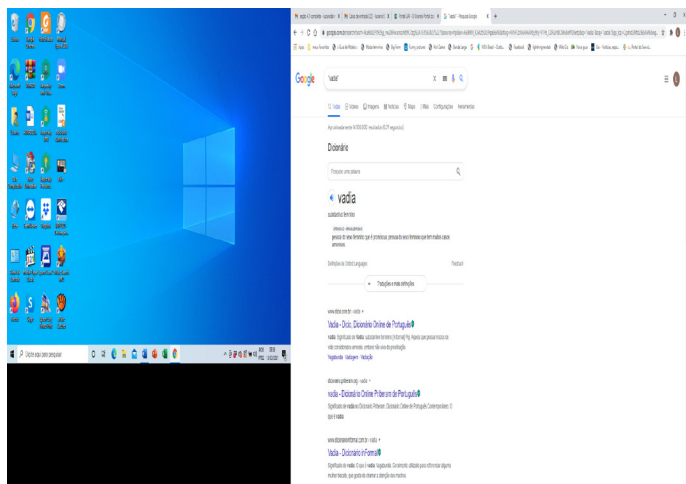
Na tentativa de responder a essa questão, analisaremos enunciados que nos possibilitem explicitar o domínio referencial que ancora a regularização dos sentidos da palavra vadia com valor pejorativo, objetivo principal desta discussão. De forma institucionalizada/regularizada, esses sentidos delimitam contornos sobre a identidade e a moralidade feminina, fixando memoráveis negativos e justificando, inúmeras vezes, o desrespeito, a agressão verbal e física, o



estupro e o feminicídio.

Ao fazer uma busca no site de pesquisas Google, com a entrada da palavra “vadia”, entre aspas, no dia 13 de março de 2021, encontramos, aproximadamente, 14.100.000 resultados. No topo da lista vinha, em destaque, um dos significados dicionarizados: “Vadia: substantivo feminino - 1. Ofensivo-brasileirismo; pessoa do sexo feminino que é promíscua; pessoa do sexo feminino que tem muitos casos amorosos.” 9. (01)

**Figura 1 – Print da tela de busca da palavra ‘vadia’**



**Fonte: Site de pesquisas Google<sup>10</sup>**

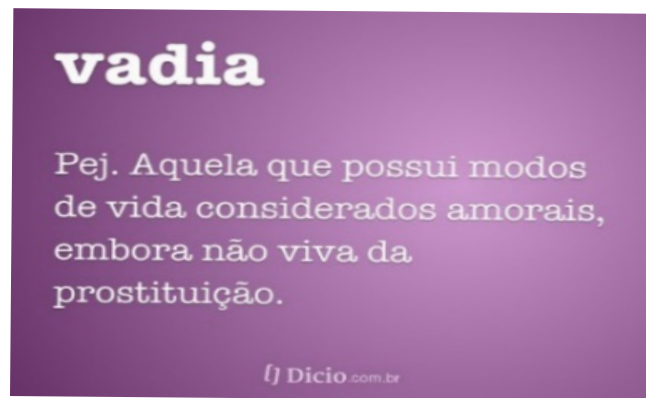
Outros seis dicionários apareciam, na data da pesquisa, na primeira página do site, significando, por meio do processo de reescrituração, a palavra vadia de diferentes formas (devassa,

9 Disponível em: [https://www.google.com.br/search?sxsr-f=ALeKk02PJ929yj\\_vw2NRwurxsxNtl9C7zg%3A1615638275227&source=hp&ei=A69MYI\\_IC6K-d5OUPqa66iA0&iflsig=AINFCbYAAAAAYE9Ey-VTPe\\_CDR2irIBC1Wv8eWD6etp&q=%22vadia%22&oq=%22vadia%22&gs\\_lcp=Cgdnd3Mt-d2l6EAM6BwgjEOoCECc6BAGjECc6BAGuECc-6CwgAELEDEMcBEKMCOgUILhCxAZoFCAAQs-QM6AgguOggIABDHARCjAjoICC4QsQMqkwI6A-ggAOgQILhAKOggIABDHARCvAVCFoi1Ym68tY-MixLWgBcAB4AIABugGIAc0GkgEDMC43mAEAo-AEBqgEHZ3dzLXdperABCg&sclient=gwswwz&ved=0ahUKEwjP8unLoa3vAhWiDrkGHSmXDtEQ4dUDCAc&uact=5](https://www.google.com.br/search?sxsr-f=ALeKk02PJ929yj_vw2NRwurxsxNtl9C7zg%3A1615638275227&source=hp&ei=A69MYI_IC6K-d5OUPqa66iA0&iflsig=AINFCbYAAAAAYE9Ey-VTPe_CDR2irIBC1Wv8eWD6etp&q=%22vadia%22&oq=%22vadia%22&gs_lcp=Cgdnd3Mt-d2l6EAM6BwgjEOoCECc6BAGjECc6BAGuECc-6CwgAELEDEMcBEKMCOgUILhCxAZoFCAAQs-QM6AgguOggIABDHARCjAjoICC4QsQMqkwI6A-ggAOgQILhAKOggIABDHARCvAVCFoi1Ym68tY-MixLWgBcAB4AIABugGIAc0GkgEDMC43mAEAo-AEBqgEHZ3dzLXdperABCg&sclient=gwswwz&ved=0ahUKEwjP8unLoa3vAhWiDrkGHSmXDtEQ4dUDCAc&uact=5). Acesso em: 13 mar. 2021.

10 Idem nota 19.

amoral, vagaba, vagabunda), todas sustentadas pelo mesmo referencial: o da negatividade. Sobre esse tipo de articulação linguística, Guimarães (2007, p. 84), conforme já apresentamos aqui, sustenta que a reescrituração é “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. Partindo dessa definição, escolhemos, dentre as reescrituras de vadia encontradas nos dicionários, o seguinte enunciado, como ponto de partida para as nossas análises: (02)

**Figura 2 – Dicionário**



**Fonte: Site de pesquisas Google<sup>11</sup>**

Para compreensão mais detalhada dos sentidos produzidos no enunciado (02) - “Aquela que possui modos de vida considerados amorais, embora não viva na prostituição” -, buscamos o significado de amoral<sup>12</sup> que, de forma parafraseada, se refere aos modos de vida que não levam em conta os preceitos morais, ou seja, uma pessoa amoral seria aquela moralmente neutra (nem moral, nem imoral). Dessa forma, segundo o dicionário, vadia é aquela que não se

11 Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vadia/Acesso em: 05 mar. 2021>.

12 Disponível em: [https://www.google.com/search?rlz=1C-1GCEA\\_enBR888BR888&ei=Rf9LYIy6Lva\\_5OUP-0qeKkAg&q=amoral&oq=amoral&gs\\_lcp=Cgdnd3Mt-d2l6EAEYADIMCAAQsQMqQxvBGEpkB](https://www.google.com/search?rlz=1C-1GCEA_enBR888BR888&ei=Rf9LYIy6Lva_5OUP-0qeKkAg&q=amoral&oq=amoral&gs_lcp=Cgdnd3Mt-d2l6EAEYADIMCAAQsQMqQxvBGEpkB) Acesso em: 05 mar. 2021.



importa com as questões da moral. Uma mulher amoral, portanto.

Pensando na amplitude de sentidos que uma palavra, em movimentos de ancoragem e projeções, pode mobilizar ao se materializar, decidimos expandir esse referencial dicionarizado de vadia, a partir de memoráveis recortados da história de enunciações dessa palavra. Embora tenhamos iniciado nossas discussões com a apresentação dicionarizada, nossa ação teve apenas o intuito de demonstrar como se efetiva de forma engessada a marca no cotidiano social de um efeito de sentido específico para o léxico de uma língua. O dicionário ainda é a fonte de consulta das pessoas aos significados e representa, portanto, no imaginário popular, uma espécie de fonte dos sentidos. Todavia sabemos que tais sentidos, em movimento, apresentam uma dinâmica que os dicionários têm dificuldade de captar, uma vez que, em busca de um efeito de estabilidade, esse gênero de texto desconsidera o enredamento que as significações das palavras adquirem sócio-historicamente.

Passemos, portanto, a tentar oferecer um olhar enunciativo - ou seja, um olhar situado em ocorrências históricas e sociais - para os efeitos de sentido que são produzidos pela palavra vadia, a partir de uma perspectiva ancorada em enunciações negativas sobre a mulher.

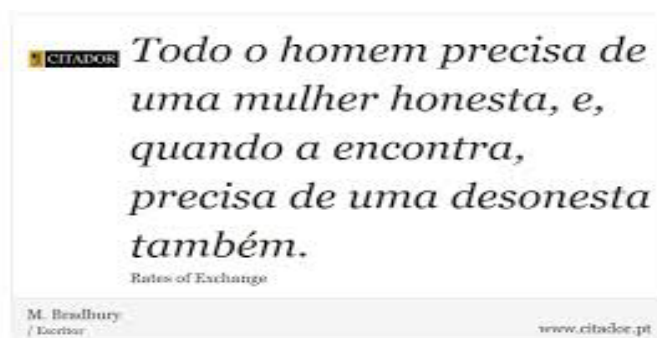
Recorremos, assim, a uma parte do nosso embasamento teórico sobre a história da mulher: a cidade de São Paulo dos anos entre 1890 e 1930. Acreditamos que, por meio de um contraste entre a nomeação vadia e o seu oposto, a esposa ideal, teremos uma base fértil de sentidos para além daqueles já regularizados pelos dicionários. Como já dito, nesse período os estereótipos e clichês sobre as mulheres prostituta e vadia emergiam com mais vigor, devido à grande industrialização e urbanização da cidade, reforçando o que já marcava o imaginário do povo brasileiro, ou seja, que existiam duas categorias de mulheres: as honestas e as desonestas. Esses tipos de mulheres não podiam ser confundidos, tampouco podiam se misturar. Assim, retomando

do Rago (1991, p. 40), “por mais independente que fosse a ‘mulher honesta’, sua liberdade estaria sempre limitada no plano simbólico pela presença da meretriz”. Dessa forma,

a prostituta é construída como “um contra-ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina”, o que “facilitava a internalização do modelo ideal da boa dona de casa, por oposição” (RAGO, 1991, p. 40). Como o discurso masculino construiu a moralidade pública acerca da conduta feminina, o homem dizia a mulher, significava-a, na tentativa de domá-la, impondo códigos morais que condiziam com o seu desejo. Em vista disso, era comum que homens possuíssem duas mulheres, uma em casa, outra na rua, o que originou enunciados e memoráveis que ainda dão sustentação para dizeres que reafirmam esse pensamento, como no exemplo a seguir:

(03)

### Figura 03 – Citador - frases



Fonte: Site de pesquisas Google.<sup>13</sup>

O enunciado (03) - “Todo o homem precisa de uma mulher honesta, e, quando a encontra, precisa de uma desonesta também” - mostra a separação da mulher em duas categorias contrárias, discutidas por Rago (1991): a esposa ideal (honestas) e a meretriz (desonestas). Essa oposição se encontra tão fortemente regularizada, que poderíamos reescrever as palavras “honestas” e “desonestas” do enunciado (03) da seguinte maneira:

13 Disponível em: <https://www.citador.pt/frases/todo-o-homem-precisa-de-uma-mulher-honesta-e-qu-m-bradbury-8462> Acesso em: 05 mar. 2021.

(03a) Todo o homem precisa de uma mulher dedicada ao lar, à família e aos afazeres domésticos, e, quando a encontra, precisa de uma que lhe ofereça (venda) sexo sem compromisso.

A reescritura feita só foi possível devido a memoráveis fundamentados na oposição entre os referenciais de um modelo ideal de mulher, para o compromisso, e o seu contraideal, para os prazeres fora da casa.

A fim de corroborar a reescritura do enunciado (03), vejamos dois ditos populares:

(04) “Dama em casa, puta na rua.”<sup>14</sup>

Percebemos que (04) – “Dama em casa, puta na rua” - se constitui pela mesma dicotomia que (03) – “Todo o homem precisa de uma mulher honesta, e, quando a encontra, precisa de uma desonesta também” - a partir do princípio de que a mulher honesta sabe se portar de acordo com as regras e conveniências sociais, e a mulher desonesta, seu contrário, por sua vez, “é a *mulher* fácil, que se entrega a uns e outros, por interesse ou mera depravação.”<sup>15</sup> Assim, ao delimitarmos os sentidos de uma, estamos delimitamos, também, os sentidos da outra.

Vejamos o segundo dito popular, que produz efeitos de sentidos bastante próximos ao primeiro, e que compartilha do mesmo memorável, inscrevendo-se, portanto, no mesmo referencial histórico:

(05) “Tem mulher que é pra casar e tem mulher que é pra cama.”<sup>16</sup>

Em (05), a oposição também é marcada. Existe um tipo de mulher valorizada para o compromisso do casamento: a mulher honesta,

dona de casa, recatada, uma dama. E existe um tipo de mulher para o sexo: a mulher desonesta, não recatada, não do lar, uma vadia. Tal contraste situa tanto uma quanto outra no espaço que lhes é delimitado com relação à sexualidade, pois à mulher do lar não é permitido o exercício do desejo, justamente para não ser confundida com a prostituta/vadia. Isso pode ser notado nas próximas ocorrências que passamos a apresentar.

(06) *Tá rodada, tá rodada e ainda paga de gatinha*<sup>17</sup>

*Você já perdeu a linha, não existe solução  
Tá rodada, tá pisada e ainda vem se oferecer  
Outra vez tem que nascer pra conquistar  
meu coração.*

O exemplo (06) é uma das estrofes da canção “Tá rodada”, do sertanejo Loubet. A palavra “rodada” refere-se aqui a uma comparação da mulher com a quilometragem do carro, ou seja, com a quantidade de quilômetros rodados. Corresponde em nossa análise a uma ‘coisificação da mulher’, que equivale a um objeto de desejo do homem. Assim, uma mulher “rodada” seria aquela que, usando uma enunciação feita por um alocutor-masculinista, já passou na mão de vários homens. Comparações desse tipo são realizadas em vários espaços enunciativos. A mulher rodada, segundo esse referencial, é aquela que já teve vários parceiros sexuais, o que não condiz com a expectativa social do casamento. Em comparação com a mulher honesta, que se porta socialmente de forma recatada, contida e anda na linha. O enunciado do segundo verso, “você já perdeu a linha”, se refere, portanto, a uma mulher não recatada e não contida - fora dos limites impostos, uma vez que andar na linha faz referência, possivelmente, a não desviar do caminho. Qual caminho? Aquele estipulado

14 Disponível em: <https://www.facebook.com/ManualDo-Sexus/posts/680571098736678/>. Acesso em: 13 mar. 2021.

15 Disponível em: <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/383866201/mulher-honesta-conheca-a-origem-da-expressao>. Acesso em: 05 mar. 2021.

16 Disponível em: <https://ptdocz.com/doc/243163/ler-este-caderno>. Acesso em: 05 mar. 2021.

17 Disponível em: <http://www.justificando.com/2015/08/21/da-mulher-honesta-a-mulher-rodada-eu-vejo-o-futuro-repetir-o-passado/> Acesso em 05 mar. 2021.

socialmente, em grande medida pelos próprios homens. No último enunciado do terceiro verso – “ainda vem se oferecer”, o alocutor-cantor desqualifica a mulher ao finalizar a estrofe dizendo: “Outra vez tem que nascer pra conquistar meu coração.”

Para reafirmar essa regularização dos sentidos de vadia, reescriturados em (06), fixados por meio de dizeres que circulam socialmente, trouxemos a seguinte ocorrência:

(07)

Figura 04 – Página do Facebook – “Eu não mereço uma mulher rodada”



Fonte: Site de pesquisas Google<sup>18</sup>

O enunciado (07) - “Não adianta ser homem moda antiga com vadias modernas” rodadas...” - se sustenta no ponto de vista masculino de querer uma mulher à moda antiga, e corrobora a ideia de que uma grande parcela de homens deseja a mulher honesta, aquela que pode ser apresentada aos familiares e amigos, aquela para casar. O que não necessariamente o impediria de ter o seu contraideal: a mulher vadia, moderna e rodada, cujo referencial sustenta a desqualificação daquela que exerce a sexualidade de forma livre, ou por profissão. Percebemos isso quando fazemos uma leitura, em rede, do que é enunciado aqui, em (07), e do que está efetivado em (03) – “Todo homem preci-

sa de uma mulher honesta e, quando a encontra, precisa de uma desonesta também.” Embora não seja nosso foco trabalhar com imagens, a força expressiva da figura presente em (07) nos chama a atenção e vale um desvio do nosso trabalho para uma reflexão: apresenta uma silhueta de homem, que não possibilita identificação; esse homem, entretanto, tem uma flor em uma das mãos, cujo memorável nos leva aos dizeres de cortejo às moças direitas, àquelas não vadias; e o que parece ser uma vara na outra mão, que aciona um memorável que nos conduz ao instrumento e à prática de domar animais, ou seja, à dominação, própria da agressividade que circunda o ato sexual considerado adequado ao homem viril. Por essa via, poderíamos ousar questionar se seria a mulher vadia tão interessante quanto à honesta, então? Seria a mulher vadia um mal necessário à sociedade, então?

A página do Facebook da qual coletamos o enunciado (07) tem como título o seguinte dizer, como já apresentado na Figura (04):

(08) Eu não mereço uma mulher rodada.

É legítimo dizer que essa página, criada na rede social Facebook, se refere a um espaço de configuração pública cuja proposta é a de manter atuais os referenciais que ancoram a divisão da mulher em duas categorias, como já explicitado: a honesta e a desonesta, acompanhadas de todas as perspectivas produzidas para cada uma delas. Essa afirmação é possível devido aos conteúdos publicados na página, tanto verbais quanto imagéticos, e ao próprio título, que já ressalta qual é o espaço e as cenas enunciativas ali delimitados. O enunciado (08) - “Eu não mereço uma mulher rodada” - mobiliza a figura de um alocutor-masculinista, reconhecida pela constituição do dizer que, claramente, estabelece uma hierarquia entre os sexos: o homem, o superior, o que escolhe, o que diz “eu não mereço”; a mulher, a inferior, a que é julgada e condenada pela sua sexualidade livre. O enunciador, em questão, é um enunciador-individual, reconhecido pelo uso do pronome pessoal eu, mas que, ao abrir espaço para a publicação de vários

18 <https://www.facebook.com/Eu-n%C3%A3o-mere%C3%A7o-mulher-rodada-20-1672519856302098/>. Acesso em: 05 mar. 2021.



outros eus, legitima a coletivização dos efeitos de sentido de desqualificação da mulher, ao convocar para a cena instalada enunciadores-coletivos.

Diante das análises dos enunciados (03), (04), (05), (06), (07) e (08) cujos efeitos de sentido polarizam a mulher, dividindo-a em ideal e contraideal, podemos iniciar a construção do escopo referencial que ancora a significação

regularizada da palavra vadia, por meio da seguinte rede enunciativa:

### Quadro 1 - Rede enunciativa 1: reescritura de vadia com valoração negativa

Nome	Domínio referencial
Vadia	é uma mulher desonesta
	não é para o casamento
	é para sexo sem compromisso
	é uma mulher rodada, que já teve vários parceiros sexuais
	é aquela de comportamento sexual reprovável

Fonte: Elaborado pela autora.

Os referenciais históricos que prendem a mulher a conceitos e nomeações masculinos de moralidade (também atualizados por alocutores/as femininos/as, a depender do espaço de enunciação no qual se encontram), nos possibilitam examinar, de maneira ainda mais aprofundada do que apresentamos na primeira rede enunciativa, os efeitos de sentido que as enunciações de vadia trazem. Com isso, como já pontuado, esperamos expandir os limites da significação dicionarizada dessa palavra. Vejamos os próximos exemplos que destacamos em nosso corpus. (09)

### Figura 05 – Site Diário por escrever

*Menina que usa batom vermelho é puta*

29.08.2015

Hoje venho falar de algo um pouco mais sério, nas redes sociais, facebook, twitter, até no tumblr, tenho vindo a observar vários posts do género:

- "Menina que usa batom vermelho é puta" ❌

- "Se usas batom vermelho és puta, se usas batom rosa és perfeita" ❌



oficialov3  
@oficialov3

sou puta e nem sabia




Esse conteúdo faz parte de um texto do gênero diário cujo título é: “Menina que usa batom vermelho é puta”. A cor vermelha é carregada de forte simbologia (é a cor do sangue - passagem de menina para mulher, da paixão, da violência) e representa socialmente a falta de moralidade feminina. Muitas mães proibem suas filhas de usar essa cor nas roupas, no batom, no esmalte. Ou seja, os referenciais históricos que dividem a mulher (a ideal e a contraideal) circulam, se movem, atualizam-se e estão sempre projetando novos dizeres, em constante conflito. O segundo ponto marcado no diário diz: “Se usas batom vermelho, és puta, se usas batom rosa, és perfeita”. Percebemos que há sempre um limite de atuação para a mulher, um isso pode e um isso não pode, que tolhe as suas escolhas, como nessa narrativa do mesmo diário, sobre objetos proibidos às meninas direitas e às mulheres honestas:

Fonte: Site de pesquisas Google<sup>19</sup>

19 [https://mccfontes.wixsite.com/diarioporescrever/single-](https://mccfontes.wixsite.com/diarioporescrever/single-post/2015/08/29/Menina-que-usa-batom-vermelho-%C3%A9-puta)

[-post/2015/08/29/Menina-que-usa-batom-vermelho-%C3%A9-puta](https://mccfontes.wixsite.com/diarioporescrever/single-post/2015/08/29/Menina-que-usa-batom-vermelho-%C3%A9-puta). Acesso em: 05 mar. 2021.



Vou contar-vos uma pequena história, eu quando andava no 7º ano, comprei umas luvas rendadas, eu adorava aquelas luvas, e um dia levei-as vestidas para a escola, os comentários eram terríveis " pareces uma puta com essas luvas" ou " isso fica-te mal", na altura eu deixei de usar as luvas, ficaram guardadas escondidas do mundo. Agora ? Simplesmente não me importo, agora tenho amigos que me aceitam como sou.  Não mudem por ninguém.

Os dois discursos diretos presentes nos enunciados em (10) – “pareces uma puta com essas luvas” e “isso fica-te mal” - são de julgamento de valor negativo ao acessório usado pela menina estudante: uma luva rendada. Isso mostra que os xingamentos, os rótulos e a limitação da subjetividade e do desejo femininos começam nos primeiros anos de formação, diríamos até, nos primeiros anos de vida. Acontecimentos enunciativos como esse, a partir dos movimentos de ancoragem, atualização e projeção, constituirão, em rede com outros enunciados, sustentação para novos sentidos negativos, assim como para novos dizeres que os tensionem, dividindo, assim, o espaço enunciativo.

Na mesma direção do que analisamos no exemplo (10), trazemos outro enunciado, coletado na Página “Eu não mereço uma mulher rodada”, do Facebook, sobre a qual já falamos anteriormente.

(11)

Figura 06 – Página do Facebook - Eu não mereço uma mulher rodada



Fonte: Site de pesquisas Google<sup>20</sup>

20 Disponível em: <https://www.facebook.com/Eu-n%C3%A3o-mere%C3%A7o-mulher-rodada-20-1672519856302098> Acesso em: 05 mar. 2021.

O enunciado (24) – “Se veste como prostituta, mas exige ser tratada como uma dama” - apresenta, mais uma vez, um ponto de vista que orienta enunciativamente para a existência de dois tipos distintos de mulher. Da mesma forma que nos enunciados anteriores (09) e (10), a maneira como a mulher se veste, se porta, se expressa, ou seja, a maneira como se apresenta, já denuncia a qual tipo ela pertence. Dessa forma, aquela que usa roupas curtas e mostra o corpo é nomeada como prostituta/vadia, já que, citando uma frase retirada da mesma página, presente no imaginário de muitos homens e mulheres, “Roupas foram feitas para ocultar, e não para descobrir e revelar.” Concluimos, com isso, que a honesta oculta e a vadia revela. Vale ressaltar que, embora o nome vadia não apareça de forma explícita nos enunciados (09) a (11), estamos considerando, também, para fins de análise da palavra vadia, termos como puta e prostituta, uma vez que já demonstramos a aproximação entre os efeitos de sentido de tais palavras em nossos pressupostos teóricos.

A partir dos enunciados (09), (10) e (11), produzimos novos efeitos para o que seria parte da constituição de sentido de vadia:

## Quadro 2 - Rede enunciativa 2: reescritura de vadia com valoração negativa

Nome	Domínio referencial
Vadia	usa batom vermelho
	usa acessórios rendados
	usa roupas curtas e revela o corpo

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os enunciados do quadro, podemos dizer que a vadia é a mulher que se apresenta de forma chamativa, indevida. Seja na forma de vestir, falar, ou se portar. Aqui percebemos que ser vadia assume o contorno de ter vaidade. Ou seja, não se trata mais de ser honesta ou desonesta apenas e, sim, de cuidar ou não de si a partir do que julga belo e adequado, a partir do que a valoriza como mulher. Para

não ser vadia, não basta, portanto, dar conta da casa e de seu marido e ser recata sexualmente; é preciso, também, não se fazer notar.

*Além dos exemplos que já analisamos aqui, em nossas buscas por enunciados que significassem vadia, encontramos uma plataforma chamada “Comum”<sup>21</sup>, que se identifica como um espaço de educação e desenvolvimento humano para mulheres, a partir de uma perspectiva de gênero e diversidade. Nesse espaço, há um texto, trazendo várias significações sobre o que é ser uma mulher vadia, do qual retiramos o seguinte fragmento:*

(12)<sup>22</sup> A próxima “vadia” é você!

Se ele queria fazer sexo e você disse não, é uma vadia moralista.

Se você queria fazer sexo e ele também, você é uma vadia rodada.

Se ele quer ter um relacionamento com você e você não quer nada com ele, é uma vadia que se acha melhor que os outros.

Se você quer ter um relacionamento com ele e ele não, você é uma vadia interesseira.

Se ele disse “eu te amo” e você não respondeu porque não sente o mesmo, é uma vadia que não se importa com o sentimento dos outros.

Se você disse “eu te amo” mesmo sem ter um relacionamento, é uma vadia querendo se fazer de sentimental.

E quando você for chamada de vadia, isso só mostra que você colocou suas vontades e desejos em primeiro lugar.

*Esse texto explicita, a partir de um alocutor(a)-femininofeminista, o que é ser vadia para a maioria dos homens. Rago (1991) afirma que a sexualidade feminina assusta os homens. Assim, quando se veem frente aos desejos e limites ditos por uma mulher, muitos deles se voltam para as imposições, as normas do convívio social, a moralidade, criadas por eles mesmos. As duas figuras de*

*mulheres, produzidas a partir da hierarquia entre os sexos – a ideal e a contraideal –, não se unem facilmente no discurso masculino, devido aos sólidos referenciais históricos dessa divisão, e às enunciações masculinistas que os sustentam.*

O título, parte do enunciado (12) “A próxima ‘vadia’ é você!”, condensa bem uma situação vivida por inúmeras mulheres: a de serem chamadas de vadias, não importa qual decisão seja tomada. Ser mulher, portanto, já se oferece como potencial para significar ser vadia. Para isso acontecer, basta que não haja um enquadramento e uma aceitação de enunciações masculinistas que circulam na sociedade. Pensamos que o enunciado descrito, a seguir, na rede enunciativa (3), apresenta potencial encapsulador dos demais enunciados que construíram as redes apresentadas nesta seção.

### **Quadro 3 - Rede enunciativa 3: reescritura de vadia com valoração negativa**

Nome	Domínio referencial
Vadia	É a mulher que exerce suas vontades e seus desejos em primeiro lugar.

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Com efeito, nossa rede enunciativa final poderia ser construída, de acordo com o corpus que analisamos, da seguinte maneira:

21 Disponível em: <http://www.comum.vc/conteudo-aberto/2016/11/29/a-proxima-vadia-e-voce>. Acesso em: 20 mar. 2021.

22 Disponível em: <http://www.comum.vc/conteudo-aberto/2016/11/29/a-proxima-vadia-e-voce>. Acesso em: 20 mar. 2021.

## Quadro 4 - Rede enunciativa 4: reescritura de vadia com valoração negativa

Nome	Domínio referencial
Vadia	é uma mulher desonesta
	não é para o casamento
	é para sexo sem compromisso
	é uma mulher rodada, que já teve vários parceiros sexuais
	é aquela de comportamento sexual reprovável
	usa batom vermelho
	usa acessórios rendados
	usa roupas curtas e revela o corpo
	É a mulher que exerce suas vontades e seus desejos em primeiro lugar.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Após ampliar as significações da palavra vadia para além dos sentidos dicionarizados, por meio de um processo de análise, faremos, agora, um movimento inverso, o de síntese. Assim, a partir das redes enunciativas produzidas, julgamos que é possível significar a mulher vadia, pela perspectiva da regularização de sentido que ainda a circunda, investida dos domínios referenciais que a ancoram, da seguinte forma:

Vadia é toda mulher que não corresponde às expectativas do discurso masculinista.

Ao iniciarmos as análises com o enunciado (02) - “Aquele que possui modos de vida considerados amorais, embora não viva na prostituição” e finalizarmos com a síntese das redes enunciativas criadas, que significa a mulher vadia como toda mulher que não corresponde às expectativas do discurso masculinista, percebemos um grande salto na movimentação dos efeitos de sentidos, os quais, olhados em sua superfície, apenas por meio do sentido dicionarizado, ocultam referenciais fundamentais das bases da opressão da mulher.

### CONCLUSÃO

Durante a escrita deste texto, fomos agenciadas pela língua a dizer. O fato é que a língua nos oferece palavras, sons e modos com-

binatórios, como diz Guimarães (2018), que são próprios dela mesma e, com isso, temos à disposição tanto os elementos que nos oferece quanto a possibilidade de criar outros até então inexistentes, desde que autorizados pelas regularidades que sustentam o linguístico. Entretanto, mesmo as palavras que criamos, o fazemos segundo uma prática já existente, já prevista, de certa forma, nos modos de combinar, nos modos de significar. Além de sermos agenciados pela língua em função da sua estrutura, também somos agenciados por ela enquanto participantes de um dizer social, que se configura a partir dos lugares nos quais enunciamos. Dessa forma, ao propormos um olhar investigativo sobre a regularização de sentido da palavra vadia, tentamos realizar um movimento que toma a enunciação como responsável pela dinâmica social, histórica e, portanto, enunciativa de significação das palavras.

### REFERÊNCIAS

CLARK, S. Pensando com Demônios. A ideia da bruxaria no princípio da Europa Moderna. São Paulo: EDUSP, 2006.

DEL PRIORI, M. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORI, M. (Org.), História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. p. 78-114.

- DIAS, L. F. Enunciação e relações linguísticas. Campinas: Pontes, 2018.
- FOUCAULT, M. (1969). A arqueologia do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GUIMARÃES, E. Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: A palavra: forma e sentido. Campinas: Pontes, 2007.
- GUIMARÃES, E. Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação. 4.ed. Revisada. Campinas, São Paulo: Pontes, 2017.
- GUIMARÃES, E. Semântica: enunciação e sentido. Campinas, São Paulo: Pontes, 2018.
- PÊCHEUX, M. Discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.
- RAMINELLI, R. E. T. In: DEL PRIORI, M. (Org.), História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.
- RAGO, M. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 – 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SILVA, C. D. Glossário da Semântica da Enunciação. 2019. 50f. Trabalho de Estágio Pós-Doutoral (Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [http://www.letas.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/nucleos/enunciar/Diniz\\_Gloss%C3%A1rio.pdf](http://www.letas.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/enunciar/Diniz_Gloss%C3%A1rio.pdf). Acesso em: 02 fev. 2021.
- SOUZA, L. M. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.